

Dívida Pública

CRISE FINANCEIRA

Analistas do mercado temem que o Banco Central não consiga administrar a dívida pública, por causa do excesso de títulos corrigidos pela variação do dólar

Brasil, refém do câmbio

Vicente Nunes

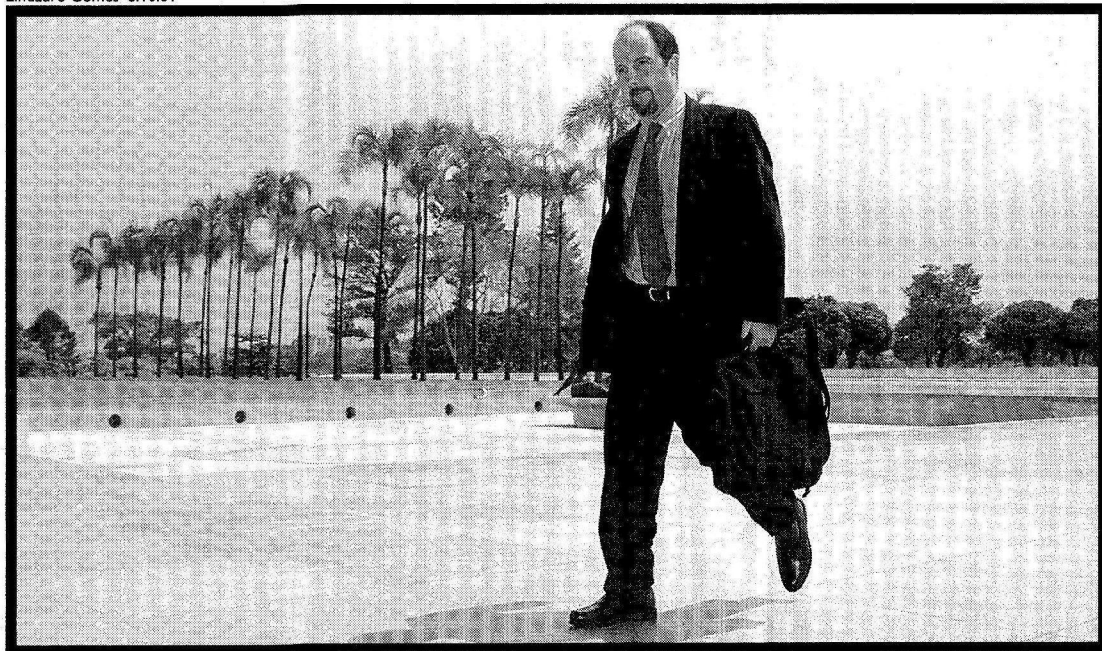
Da equipe do **Correio**

Por mais que o governo queira transmitir um cenário de tranquilidade na economia, com superávit primário recorde nas contas públicas em abril — conseguido exclusivamente por causa do arrocho no Orçamento da União —, a desconfiança é grande no mercado financeiro. Há um temor de que a equipe do Banco Central, comandada por Armínio Fraga, seja atropelada pela incapacidade de administrar o grande volume da dívida pública (interna e externa) corrigida pela variação do dólar. Pelas contas do mercado, 48% do endividamento público estão contaminados pelo “humor” da moeda norte-americana. Como os preços do dólar estão em alta e a desconfiança em comprar títulos do governo é crescente, um quadro explosivo começa a se desenhar no campo econômico.

“Estamos vivendo um pré-cenário do final de 1998, quando o Brasil quebrou e foi obrigado a recorrer a um empréstimo de US\$ 41,5 bilhões do Fundo Monetário Internacional (FMI)”, diz o economista Carlos Thadeu de Freitas Gomes, ex-diretor da Dívida Pública do BC. “Não podemos fechar os olhos: o país se tornou novamente refém da política cambial tocada pelo BC”, afirma. A diferença, segundo ele, é que não estamos assistindo à fuga de divisas que inviabilizou o sistema de câmbio fixo em vigor até janeiro de 1999. “Estamos diante de uma crise fiscal. A administração da dívida pública exige sacrifícios cada vez maiores e os investidores já não vêem opções para o governo mantê-la sob controle.”

Na avaliação de Freitas Go-

Lindauro Gomes 8.10.01



A DESCONFIANÇA DO MERCADO ESTÁ ASSOCIADA ÀS AÇÕES DO BANCO CENTRAL, COMANDADO POR ARMÍNIO FRAGA

mes, o próximo presidente da República, seja de qual partido for, estará “escravo” dessa dívida. Mas com um agravante: se o país for para o buraco não terá o apoio do FMI, pois o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, que hoje comanda o Fundo, já avisou que não estenderá as mãos para países em crise, como se viu na Argentina. Essa tese vem sendo defendida pelo deputado Del-fim Netto (PPB-SP).

PROTEÇÃO ELEITORAL

O principal indicativo da desconfiança do mercado em relação à dívida pública é a exigência de títulos corrigidos pelo dólar com prazos mais curtos, juros mais altos e garantias amplas. “Uma combinação explosiva”, alerta Carlos Eduardo Sobral, presidente do Forex Brasileiro, entidade que reúne ope-

radores de câmbio do Brasil. Essa exigência explicitou-se na sexta-feira, quando o governo foi obrigado a vender Notas do Tesouro Nacional cambiais (NTNs-D), com vencimento em novembro. “Nesse caso, também pesaram as incertezas eleitorais”, diz Sobral. Não foi à toa que o mercado batizou as NTNs de “papeléis de proteção eleitoral e de fim de governo”.

O que causa arrepios no mercado é que, entre junho e agosto, vencerão cerca de US\$ 16 bilhões em títulos cambiais. “Será um problema essa rolagem”, avisa Freitas Gomes. “O governo pagará juros mais altos e ainda terá que resgatar os papéis no curto prazo. Ou seja, além de gerar o superávit fiscal exigido pelo FMI, precisará fazer caixa para resgatar os títulos em vencimento”, ressalta.

Muito da desconfiança do mercado está associada, também, às

perdas de quase R\$ 7 bilhões acumuladas pelos bancos e fundos de investimentos em consequência dos erros nas intervenções do BC no sistema. Segundo Freitas Gomes, houve excesso de títulos cambiais no mercado, fracassaram os leilões “casados” de papéis corrigidos por juros pós-fixados (as Letras Financeiras do Tesouro — LFTs) e de operações de *swap cambial* (troca de rentabilidade, valendo o que for maior) e não decolaram as vendas isoladas de *swap cambial*.

Sem opção, os investidores passaram a buscar “ativos do desespero”, como definem os especialistas. No caso, o ouro. Em abril, a média diária de negócios com o metal, na Bolsa de Mercadorias e de Futuros (BM&F), foi de 23,7 quilos. Na última quarta-feira, passou para 79 quilos e, na quinta, para 160 quilos.